

Decadentes, Dissidentes e Proscritos no *Fin-de-Siècle*

Apresentação

César Braga-Pinto¹

Leonardo Mendes²

Entre naturalistas, simbolistas e decadentistas, a literatura produzida entre 1880 e 1930 está povoada de personagens incompreendidas, marginalizadas ou automarginalizadas. Excêntricos, extravagantes, pervertidos, esquisitões, misantropos, esses sujeitos proscritos foram muitas vezes reinventados na forma de seres de exceção ou, em letra maiúscula, “Eleitos”. Estigmatizados e patologizados pela criminologia e pela psicologia, eles e os processos que os engendram aparecem na literatura com frequência de forma ambígua, revelando as contradições da modernidade latino-americana. A presença crescente de afrodescendentes nas cidades, por um lado, e a evolução das normas de gênero e sexualidade associadas à emergência da Nova Mulher, por outro, trazem consigo a rejeição à virilidade e a ameaça de feminização do sujeito nacional.

O presente dossiê reúne ensaios que de forma interseccional tratam dessa proliferação de subjetividades não normativas e do arquivo constituído por textualidades e todo um novo vocabulário de afetos, espaços, comportamento, subculturas ou estratégias de resistência. De que forma a universalidade do erótico se transforma conforme as reconfigurações do gênero e crescente racialização? De que maneira o corpo se torna sujeito ou campo de batalha para a História? De que maneira o discurso do não pertencimento resiste ou justifica a consolidação do sujeito nacional moderno? Essas são algumas das perguntas que os autores dos artigos no dossiê procuram responder.

Em “O artista proscrito em *Mocidade Morta*, de Gonzaga Duque”, Thaís Marques Soranzo analisa a figura arquetípica do “artista proscrito” a partir de Camilo Prado,

¹ Cátedra George F. Appel em Humanidades na Northwestern University. Doutor em Literatura Comparada pela Universidade da Califórnia, Berkeley. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3143-8481>. E-mail: c-braga-pinto@northwestern.edu.

² Professor Titular do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Doutor em Letras pela Universidade do Texas em Austin. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8318-3759>. E-mail: leonardomendes@utexas.edu.

personagem do romance de Gonzaga Duque, publicado em 1889. Crítico dos artistas contemporâneos que, apesar de medíocres e meros imitadores tanto na forma como no tema, adquiriram certa fama, o personagem defende o Impressionismo, movimento que começava a transformar as artes plásticas na capital. Ele mesmo um crítico de arte, Gonzaga Duque retrata o protagonista como artista proscrito, exilado e incompreendido, ciente do próprio fracasso, como ocorre com os personagens analisados no dossiê. Através do discurso indireto livro o narrador aproxima o leitor do personagem marginalizado e fracassado, dando ao artista um protagonismo e uma legitimidade que ele não desfruta na sociedade retratada pelo romance.

No ensaio seguinte, “No Inferno, no Brasil: a trama baudelairiana em Cruz e Sousa”, Júlio Cezar Bastoni da Silva analisa a recepção de Baudelaire no Brasil através da obra do poeta Cruz e Sousa. Mais especificamente, discorre sobre o poema em prosa “No Inferno”, do chamado poeta do desterro, publicado em *Evocações* (1898), apenas um ano antes do romance de Gonzaga Duque. O autor mostra como ao apropriar-se do tema da descida aos infernos, sobretudo de Dante, o poeta brasileiro constrói a imagem do poeta maldito a partir do sofrimento existencial, inclusiva a experiência de um sujeito moderno de exceção racializado. O estudo mostra como a evocação de locais obscuros (cemitério, esquife), além de serem motivos correntes na poesia decadente, compunham um espaço de exceção na literatura do período. Para o autor, a poesia de Cruz e Sousa criava um espaço insólito de recusa do existente.

Em “Luz e sombra, verme e estrela: os contrastes estéticos e sociais na poética de Pedro Kilkerry”, Priscila Bosso Topdjian e Antonio Manoel dos Santos Silva analisam o poema “O verme e a estrela”, de outro poeta simbolista afrodescendente, o baiano Pedro Kilkerry (1885-1917), contemporâneo de Cruz e Sousa (apesar de mais jovem). Aqui o ser de exceção se manifesta na linguagem singular e fragmentada que contrapõe o marginalizado ao ideal hegemônico. Presenciamos um eu lírico rebaixado à condição de “eu verme”. Tal lugar degradado e a metáfora grotesca utilizada são típicas de uma modernidade em ruínas. Os autores propõem compreender a linguagem de Kilkerry como uma forma de resistência simbólica ao discurso hegemônico do pertencimento nacional dominante no período, que excluía corpos afrodescendentes e experiências não normativas de subjetividade.

Em “Horácio Quiroga e o decadentismo: A masculinidade subversiva em *Flor do Império*”, Amalia Cardona Leites estuda o personagem Rubén, protagonista do conto do autor uruguaio, como exemplo de subversão do modelo convencional de masculinidade latino-americana. Na sua relação com as mulheres está ausente a virilidade heterossexual tradicionalmente representada na literatura do século XIX. Segundo a autora, ainda que seja possível pressupor o homoerotismo de Rubén a partir da tentativa fracassada de se relacionar com Luísa, não podemos ter certeza, pois seus desejos sexuais não são abertamente expostos. Nesse sentido, *Flor de Imperio* não é um conto sobre homossexualidade, mas sobre os tensionamentos da masculinidade. A morte de Rubén por suicídio, ao final, representava a proscrição da masculinidade degradada.

No ensaio “Cidade colonial em decomposição: perspectivas da ecocrítica urbana sobre a narrativa latino-americana de Ramón Meza”, Gilberto Alves Araujo, Livia Aparecida de Almeida e Sousa e Eliene Rodrigues Sousa abordam a degradação numa perspectiva social a partir do estudo da decadência institucional e moral na novela *Mi tío el empleado* (1887), do escritor cubano Ramón Meza. Os autores mostram como o romance constrói ambientes urbanos corrompidos, revelando uma ecologia colonial degradada cujos vestígios persistem nas metrópoles latino-americanas atuais. Em *Mi tío el empleado*, a ruína arquitetônica, a umidade, os fungos e odores podem ser lidos como dispositivos semiótico-ambientais que indiciam a falência do empreendimento colonial. A Havana de Meza é um ecossistema urbano em colapso, cuja degradação física espelha a decomposição das estruturas coloniais.

Por fim, fechando o dossiê, voltamos ao sujeito afrodescendente como proscrito. No ensaio “Entre a educação e o estereótipo racista: uma leitura de *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, de Lima Barreto”, Evandro Jose dos Santos Neto analisa as etapas da construção do estereótipo racista, relacionadas à formação da identidade de um homem negro pobre no Brasil da primeira década do século XX. O autor acompanha o mulato Isaiás em sua trajetória de fracassos e adaptações às barreiras impostas aos sujeitos negros, da desistência de estudar medicina ao sonho de ser jornalista até se contentar com o cargo subalterno de contínuo num jornal. Para o autor, a construção do preconceito racial é estetizada em forma literária no romance. A trajetória de Isaiás Caminha é afetada pelo racismo institucionalizado que anula qualquer tentativa de mobilidade social, mesmo quando apoiada na educação e no letramento.

Além do dossiê temático, essa edição da *Soletras* traz uma entrevista feita por Rodrigo Felipe Veloso com a professora e pesquisadora Constância Lima Duarte sobre literatura feminina e feminista, na qual o leitor poderá conhecer os desafios da pesquisa sobre autoras esquecidas, assim como obter informação sobre as escritoras brasileiras que vem sendo descobertas e estudadas pela crítica universitária; e duas resenhas: Rodrigo Felipe Veloso apresenta e analisa o romance *Fragmentos do que não se pode ter por inteiro*, da autora mineira Carla Madeira, publicada em 2024; e Rafael Santana apresenta e contextualiza a obra *Coisa de menino?: uma conversa sobre masculinidade, sexualidade, misoginia e paternidade*, de Maria Homem e Contardo Calligaris, publicada em 2025.

Na seção *Vária* temos mais seis trabalhos sobre temas, abordagens e autores variados. Sandra Trabucco Valenzuela estuda um conto da escritora recém-falecida Marina Colasanti no ensaio: "A Moça Tecelã, de Marina Colasanti: mitos, silêncio e o feminino no conto de fadas contemporâneo". No estudo "A charge e a tragédia do Rio Grande do Sul: letramentos, gênero textual e suas funções", Baktalaia de Lis Andrade Leal discuti a natureza da charge e sua funcionalidade na esfera midiática moderna. Rodrigo Felipe Veloso, em "Vida e palavras: ritual de ancestralidade, crença e aprendizagem em *Provérbios*, de Carolina Maria de Jesus", analisa o emprego dos provérbios e seus significados no contexto criativo da autora. No estudo "O imaginário metaficcional de Jorge Luis Borges: uma leitura teórica de narrativas borgianas", Raquel Alves Mota analisa textos do escritor argentino no intuito de destrinchar seu imaginário reflexivo. No ensaio "Sobre a palavra-amor e a interseccionalidade", Cleide Silva de Oliveira, Lucas Anderson Neves de Melo e Alcione Correa Alves examinam a abordagem metodológica da interseccionalidade na análise de obras literárias amefricanas de autoria feminina. Por fim, Joice Élide Alves Gonçalves e Edmilson Luiz Rafael, no estudo "Tecnologias digitais e ensino: o que já sabíamos antes da vivência no período emergencial remoto de 2020/2021?", buscam compreender as relações de professores de língua portuguesa do ensino médio do interior do Ceará com as tecnologias digitais em sua prática docente antes da pandemia.

Boa leitura!